

SUBPROJETO DE VALORIZAÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL NA UHE BARRA GRANDE: A EXPERIÊNCIA DAS OFICINAS DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

HERBERTS, Ana Lucia Herberts
Scientia Ambiental
analh@terra.com.br

Palavras chaves: arqueologia, Educação Patrimonial, oficinas

Introdução

Este artigo apresenta a experiência das Oficinas de Educação Patrimonial realizadas no “Subprojeto de Valorização do Patrimônio Cultural” (Herberts, 2001, 2002a, 2002b e 2003) vinculado ao “Projeto de Levantamento Arqueológico da Área de Inundação e Resgate Arqueológico do Canteiro de Obras da UHE Barra Grande, SC/RS” desenvolvido pela Scientia Ambiental¹.

O Programa de Valorização do Patrimônio Cultural, desenvolvido na área abrangida pela usina hidrelétrica, proporcionou a realização de quatro Oficinas de Educação Patrimonial com os objetivos de promover a formação de uma consciência crítica e participativa em relação às questões que envolvam o patrimônio cultural, capacitar o docente no que se refere à pré-história da região e socializar os resultados da pesquisa arqueológica.

As oficinas foram realizadas dentro do contexto arqueológico do referido projeto durante o ano de 2002, abrangendo nove municípios situados no planalto serrano dos estados de Santa Catarina (Anita Garibaldi, Cerro Negro, Campo Belo do Sul, Capão Alto e Lages) e Rio Grande do Sul (Pinhal da Serra, Esmeralda, Vacaria e Bom Jesus).

As Oficinas de Educação Patrimonial

As Oficinas de Educação Patrimonial foram dirigidas aos professores do ensino fundamental e médio da rede escolar pública, municipal e estadual, prioritariamente a docentes da área de estudos sociais e funcionários atuantes em órgãos de educação e cultura, tais como museus, casas de cultura, e secretarias.

Optou-se por trabalhar com os docentes pelo efeito multiplicador, pois, conforme Horta e outros (1999, p. 46), “para alcançar a multiplicação das idéias e conceitos propostos no campo da educação sobre o patrimônio cultural é importante que se faça um treinamento com os agentes que irão desenvolver este trabalho nas escolas, nas associações de bairros, ou em qualquer espaço ou grupo social que se pretenda sensibilizar”.

Inicialmente, realizou-se o levantamento do universo escolar dos municípios abrangidos pelo empreendimento, visitando cada secretaria municipal ou estadual, a fim de planejar o calendário, definir o número de vagas, verificar a infra-estrutura e, principalmente, apresentar o projeto aos prefeitos e secretários de educação. A partir deste contato, estabeleceram-se parcerias com as prefeituras municipais para a realização das oficinas, solicitando apoio na infra-estrutura (local, recursos audiovisuais), transporte e auxílio na alimentação dos participantes. A carga horária estabelecida foi de 32 horas, sendo seis em sala de aula e duas horas em atividades extraclasse. Ofereceram-se 50 vagas para cada estado, distribuídas proporcionalmente para cada município, segundo o número total de professores.

Foram realizados quatro encontros paralelos em cada estado, agrupando os participantes a cada encontro em um município, com o objetivo dos envolvidos conhecerem a realidade e o patrimônio cultural do local, muitas vezes completamente desconhecido. Os ministrantes foram pesquisadores envolvidos no projeto e/ou especialistas nas temáticas desenvolvidas.

As oficinas ocorreram em encontros mensais, de modo que se obtivesse uma continuidade no processo educativo, sendo planejadas e organizadas em módulos com as seguintes temáticas de trabalho específicas: a) A Valorização do Patrimônio Cultural; b) Introdução à Arqueologia; c) Pré-História e Etnohistória do Planalto; e d) Arqueologia, História e Patrimônio Cultural.

As oficinas tinham por objetivo oferecer aos docentes o embasamento teórico, abordando os conceitos e definições relacionados ao patrimônio cultural, proporcionando momentos de discussão e reflexão. Para tanto, buscou-se conciliar a base teórica a situações práticas, de modo que possibilitassem o aprendizado e a interiorização a partir da proposta de “aprender-fazendo”, ou seja, vivenciar experiências concretas de ensino/aprendizagem.

O objetivo desta atividade foi proporcionar subsídios aos professores para o ensino a partir do patrimônio cultural local, especialmente o patrimônio arqueológico regional, tanto pré-histórico como histórico, tão distantes dos livros didáticos e tão desconhecidos da comunidade escolar. Por outro lado, procurou-se instrumentalizar os participantes das oficinas para o emprego da metodologia de Educação Patrimonial em sala de aula, acreditando na continuidade do processo após o término do projeto.

Oficina I: A Valorização do Patrimônio Cultural

A primeira oficina de Educação Patrimonial, que procurou suprir as falhas na percepção do patrimônio cultural identificadas no estudo realizado, aconteceu nos dias 24 e 31 de agosto de 2002 nos municípios de Campo Belo do Sul/SC e Esmeralda/RS, respectivamente.

O principal objetivo desta oficina foi apresentar a Educação Patrimonial como um importante recurso pedagógico em sala de aula, na valorização do patrimônio cultural. Propôs-se aos participantes uma discussão acerca dos principais conceitos de Educação Patrimonial, questionando-os através da realização de atividades práticas próprias para a realidade de abrangência do projeto. Foram escolhidos quatro temas de trabalho para compreender e desenvolver a metodologia da Educação Patrimonial: 1) Memória, objeto e sentimento; 2) Princípios da Educação Patrimonial; 3) Massificação da Cultura; e, 4) Tipos de Patrimônio.

Para o estudo destes temas, foi elaborada uma dinâmica de grupo onde os professores, divididos em quatro equipes, desenvolveram, atividades lúdicas, cênicas, motoras e interpretativas para compreensão dos aspectos teóricos necessários à prática docente, objetivando a valorização do patrimônio cultural. Com o objetivo de incentivar um maior entrosamento entre os participantes de municípios diferentes, a divisão das equipes ocorreu através de um jogo de quebra-cabeça com temas relativos à Educação Patrimonial. Confeccionaram-se oito quebra-cabeças a partir de imagens de patrimônios locais conhecidos. Esta brincadeira auxiliou na formação das quatro equipes, onde cada duas imagens representavam um tema de um grupo de trabalho.

O passo seguinte nesta dinâmica foi a escolha dos quatro líderes, responsáveis pela coordenação dos trabalhos na equipe, recebendo um envelope com as orientações das tarefas de trabalho do primeiro momento da oficina: 1) Leitura

e discussão em grupo do texto base e complementar; 2) Confeção de um painel temático; 3) Confeção de um boneco temático; 4) Montagem de uma peça teatral; e, 5) Descobrir os temas das outras equipes.

Na primeira tarefa, envolvendo leitura e discussão dos textos, os participantes entraram em contato com alguns autores que abordam os temas de trabalho da equipe. Para enriquecer a discussão dos temas, foi entregue um texto complementar para melhor compreensão e auxílio na formulação das tarefas solicitadas.

As tarefas seguintes foram, respectivamente, a confecção de um painel temático e de um boneco a partir de material de sucata, cartolinas, papéis coloridos, revistas e material de expediente em geral, devendo apresentar a idéia central do tema sem a necessidade do uso de palavras, buscando valorizar as imagens e as formas. No final desta primeira atividade, cada equipe montou uma peça teatral relacionada com o tema. As atividades desenvolvidas pelos grupos foram apresentadas a todos os participantes, concluindo a seqüência de atividades com uma mesa redonda, onde os líderes das equipes reuniram-se para avaliar cada etapa dos trabalhos realizados.

A dinâmica desenvolvida em seguida foi a utilização do jogo de memodíptico, com imagens de Manuel da Costa (2001), que reúne fotos de fachadas arquitetônicas de Porto Alegre. O material consiste em pares de imagens, onde uma apresenta a imagem completa e a outra somente o recorte da fachada arquitetônica, excluindo o contexto ou o entorno.

Esta atividade objetivou abordar a diversidade do patrimônio cultural, neste caso, o arquitetônico e a importância do contexto. Cada participante retirou de uma caixa um envelope contendo uma imagem, que deveria guardar sem poder abri-lo. Discutiram-se primeiro questões relativas à conexão existente entre um objeto e o seu contexto, alertando que a inexistência de informações contextuais poderiam modificar por completo a sua interpretação.

Na seqüência, os participantes abriram os envelopes e comentaram ao grande grupo as particularidades de cada imagem. Para surpresa dos participantes, muitas imagens de fachadas descontextualizadas foram identificadas como quadros, lápides ou nem mesmo foram reconhecidas como fachadas. Somente após a união das imagens correspondentes, formando as duplas de trabalho foi que as imagens puderam ser compreendidas e a importância da observação do contexto ficou evidenciada.

Com as duplas formadas, realizou-se a atividade prática “Descobrimo um Objeto” (Horta e outros, 1999, p. 14). Os pares escolheram algo de uso pessoal e aplicaram a ele uma série de questionamentos organizados em um roteiro, que foi entregue para auxiliar na atividade. A proposta foi apurar a sensibilidade e a observação frente ao objeto escolhido: O que parece ser este objeto? Como foi feito? Para que foi feito? O objeto tem uma boa forma? É bem desenhado? Quanto vale o objeto?

Esta atividade foi realizada com o auxílio de uma série de lâminas explicativas sobre a aplicação da metodologia de Educação Patrimonial (Horta e outros, 1999, p. 11), apresentando as etapas de estudo de um objeto. Como complemento, foi realizado o estudo de um monumento local escolhido pelo grupo na atividade prática “Monumento: explorando o meio ambiente histórico” (Horta e outros, 1999, p. 18), que propôs uma análise semelhante à realizada com o objeto, porém adaptada ao monumento histórico.

Por último, desenvolveu-se nesta oficina a atividade de impressão e expressão,

adaptada do texto “Estratégias de Ações Pedagógicas Específicas” (Itaqui e Villagrán, 1998, p 29-31). O estudo de objetos seguiu as etapas propostas, que corresponderam a categorias metodológicas básicas: sensoperceptiva e expressiva.

Oficina II: Introdução à Arqueologia

A segunda oficina de Educação Patrimonial ocorreu nos dias 14 de setembro e 06 de outubro de 2002, em Vacaria/RS e Lages/SC, respectivamente, e teve como temática a “Introdução à Arqueologia”.

Buscou-se apresentar e discutir as etapas do trabalho do arqueólogo, procurando desmistificar a imagem do arqueólogo relacionado ao personagem “Indiana Jones” e ao imaginário existente da arqueologia romântica, que vive em busca de tesouros e objetos exóticos em locais diferentes. Enfatizou-se os objetivos de sua atuação, na busca da compreensão do modo de vida das populações do passado, tentando entender a cultura imaterial de uma sociedade através do estudo dos seus artefatos remanescentes. Propôs-se também atividades práticas para trabalho em sala de aula sobre arqueologia e pré-história.

A primeira atividade prática desenvolvida foi denominada “A Descoberta de um Sítio Arqueológico”. Trata-se de uma atividade lúdica, preparatória e motivadora para a visita ou estudo de um sítio arqueológico, alertando para a importância do contexto dos artefatos arqueológicos. Em uma caixa de pequenas dimensões, cheia de areia, foram enterrados, previamente, vários objetos de nossa sociedade atual, tais como: cortiça, canudos de refrigerante, tampinhas de garrafas, moedas, objetos plásticos e metálicos de variadas formas. Inicialmente, foram questionadas quais eram as expectativas em relação ao “sítio arqueológico” e quais artefatos esperavam encontrar. Alguns participantes foram convidados a retirar da caixa um objeto surpresa, sem ter conhecimento prévio do que constava, relatando suas sensações e impressões e com a ajuda do grande grupo, descrevê-lo, definindo a sua finalidade.

É importante destacar que os objetos foram retirados sem maiores cuidados técnicos e sem preocupação em relação ao seu contexto, perdendo, em definitivo, informações importantes.

Num segundo momento, fez-se uma viagem ao futuro, imaginando-se ser integrante de uma equipe de arqueólogos escavando e estudando um sítio arqueológico de uma sociedade do ano de 2002. Neste momento, os participantes interpretaram o objeto dentro do contexto da época, seu significado e função daquela sociedade.

Nesta atividade, foram discutidos alguns conceitos em relação à arqueologia como ciência e o papel do arqueólogo. A retirada dos artefatos do “sítio arqueológico” sem a documentação ocasionou a destruição da informação e a perda do contexto arqueológico do objeto.

Na sequência, exibiu-se o vídeo “Cartilha das Escavações: História da Arqueologia” (Produção: NG), com duração de 48 min., abordando os primórdios da Arqueologia. Após a sessão de vídeo, aplicou-se um questionário sobre o documentário através de uma brincadeira. As questões foram coladas sob as cadeiras dos participantes. Três destes foram sorteados para serem os juizes que confirmariam se as respostas das questões sorteadas estavam corretas ou erradas.

Posteriormente, apresentou-se uma aula expositiva, enfocando os tipos de sítios arqueológicos encontrados no sul do Brasil. Esta atividade foi realizada

com o auxílio de projeção simultânea de textos em data-show e imagens em slides, concluindo com a exibição do vídeo “Um Foco na Arqueologia” (PUCRS, 1995), com duração de 12 min., apresentando uma idéia geral da ciência e do uso de disciplinas afins na pesquisa. Os assuntos abordados na aula expositiva tinham por finalidade servir de preparação para a escavação e identificação dos vestígios arqueológicos em um sítio simulado.

Na simulação de uma escavação arqueológica na atividade “Escavando um Sítio Arqueológico”, o objetivo principal foi a percepção da arqueologia como uma ciência envolta por uma série de procedimentos científicos, que permitem uma visão imparcial do objeto de estudo.

Para tanto, foi preciso chamar a atenção de que a atividade do arqueólogo não se restringe ao trabalho de campo, mas se complementa na análise laboratorial, na elaboração de propostas de preservação do patrimônio arqueológico e de programas de educação patrimonial.

A simulação foi realizada em dois tipos de sítios, um pré-histórico e outro histórico, que foram previamente preparados em caixas de areia com aproximadamente 1 m². No sítio “A”, foram enterrados materiais arqueológicos da pré-história brasileira de um Kit Pedagógico com procedências diversas e sem referência (restos de fogueira, carvão, cerâmica, lítico, restos de alimentação e ossos). No sítio “B”, foram enterrados artefatos produzidos pela sociedade européia (fragmentos de cerâmica, louça, porcelana, elementos de construção e utensílios plásticos e metálicos).

No início da atividade, os participantes foram divididos em duas equipes de pesquisa, através de uma atividade lúdica denominada “Sorteio Iconográfico”, onde eram retratadas imagens dos equipamentos utilizados nos trabalhos de campo e as ciências afins que contribuem para pesquisa arqueológica. Desta forma, a imagem que cada participante recebeu revelaria a função que ele executaria na escavação.

Cada um destes grupos teve como tarefa inicial a escolha do seu coordenador, que recebeu um envelope contendo um texto base abordando quais as etapas de campo e os cuidados técnicos a serem observados em uma escavação, além de orientações sobre os procedimentos que deveriam ser adotados nas simulações de escavações dos sítios arqueológicos. Constavam, também, o diário de campo, uma relação para legenda de fotos, a ficha de registro do sítio, a ficha de campo, escalas e norte e uma caixa de ferramentas, contendo todo o material necessário para realizar uma escavação arqueológica.

Sob orientação do coordenador e da metodologia entregue em um envelope, a equipe realizou a escavação, observando a divisão das tarefas entre os membros de acordo com a “especialidade” de cada um.

Os procedimentos adotados pelas equipes foram a descrição no diário de campo, assim como os resultados obtidos. Primeiro, a área a ser escavada foi delimitada em quadrículas com um metro quadrado, identificando o norte com o auxílio de uma bússola. A escavação foi realizada com o uso de colheres de pedreiro, espátulas e pá de lixo em níveis arbitrários de 10 cm, evidenciando todos os artefatos encontrados.

Para as tarefas mais delicadas, foram utilizados pincéis de diferentes tamanhos. O solo retirado foi colocado em baldes e peneirado em peneiras apropriadas para verificar a existência de fragmentos pequenos. Em seguida, foram desenhados todos os vestígios localizados em tamanho proporcional na Ficha de Campo, identificando cada vestígio com símbolo e número da coleta,

observando o uso correto da escala e norte.

A escavação, os procedimentos e os vestígios mais significativos localizados foram alvo de registro fotográfico, utilizando-se uma máquina fotográfica descartável e observando-se o uso da escala e norte, além de descrição da legenda em ficha apropriada. O material arqueológico escavado foi coletado, acondicionado em saco plástico e identificado com informações básicas (sítio, número de coleta, quadrícula, nível, responsável, data...). Finalmente, o sítio foi cadastrado em ficha de registro padrão do IPHAN.

Os objetos provenientes da escavação foram limpos e catalogados, inventariando a quantidade e a natureza dos artefatos. Alguns objetos foram remontados com o auxílio de cola branca. Os objetos mais significativos foram desenhados e estudados com o auxílio da documentação levantada em campo, identificando o tipo de sítio arqueológico, a cultura material e o período correspondente. Desta forma, os participantes tentaram responder as seguintes perguntas: Quem eram? Como viviam as pessoas que pertenciam à sociedade que produziu o material arqueológico em questão?

Além da atividade de simulação de uma escavação arqueológica, foi realizado o trabalho de divulgação científica junto ao grande grupo, utilizando-se os recursos materiais disponíveis através de uma produção que poderia ser cartaz, painel, teatro, história em quadrinhos, jornalzinho e apresentação de documentário, ou outro, descrevendo as interpretações obtidas quanto à sociedade a qual o sítio arqueológico estava relacionado, concluindo com a formulação de uma proposta de preservação do sítio.

Oficina III: Pré-história e Etnohistória do planalto

A terceira oficina de Educação Patrimonial ocorreu nos dias 19 e 26 de outubro de 2002 em Anita Garibaldi/SC e Bom Jesus/RS, respectivamente, e teve como temática a “Pré-história e Etnohistória do Planalto”.

Estas oficinas foram divididas em dois momentos distintos: primeiro houve uma palestra com a Prof^a. Ms. Sílvia Moehlecke Copé, tendo como objetivos apresentar uma visão panorâmica da pré-história e etnohistória do planalto, desde os primeiros habitantes até a conquista do território pelo colonizador europeu e as relações de conflito, dominação e resistência, além de relatar a importância dos achados arqueológicos nas pesquisas desenvolvidas na UHE Barra Grande para a pré-história do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina.

Na ocasião desta oficina, foi montada a exposição itinerante intitulada “Brasil: 500 ou 15.000 anos de História? Os Povos Autóctones do Rio Grande do Sul: conflitos, dominação e resistência” organizada pela equipe do Museu Universitário de Arqueologia e Etnologia da UFRGS.

Em complemento à palestra, ocorreu uma visita guiada às escavações arqueológicas no sítio arqueológico pré-histórico RS-AN-03, caracterizado por um conjunto de 4 estruturas escavadas e aterro, localizado no Parque Leotídia em Bom Jesus para os participantes do Rio Grande do Sul. Os participantes de Santa Catarina visitaram os sítios arqueológicos Alcides Lima I e II, caracterizados por conjunto de 19 casas subterrâneas e sítio lito-cerâmico superficial, localizados no interior de Anita Garibaldi, e o sítio estrutura anelar SC-AG-99, situado no canteiro de obras da UHE Barra Grande.

Estas saídas de campo tiveram por objetivo proporcionar uma experiência de arqueologia de campo através da visita de sítio arqueológico pré-histórico típicos na região. No caso gaúcho, um sítio que estava sendo escavado pela equipe do Núcleo de Pesquisas Arqueológicas da Universidade Federal do Rio

Grande do Sul (Nuparq/UFRGS) e no caso catarinense um sítio não escavado, mas que é didático no que tange às formas de ocupação pré-históricas.

O segundo momento desta oficina, ministrado pelo Prof^o. João Darcy de Moura Saldanha, foi dedicado a arqueologia experimental e propôs uma vivência do experimento em arqueologia através da observação das técnicas de lascamento da pedra e da manufatura da cerâmica. Inicialmente, foram apresentadas as diversas técnicas de lascamento através de uma atividade prática demonstrando o lascamento de uma pedra, que pode ser observada de perto pelos professores. Na seqüência, realizou-se a oficina de cerâmica, proporcionando aos participantes a experimentação da confecção de objetos de argila com a técnica dos roletes (acordelado), sobrepostos e contínuos, além da técnica de modelado.

Oficina IV: Arqueologia, História e Patrimônio Cultural

A quarta oficina de Educação Patrimonial ocorreu nos dias 23 e 30 de novembro de 2002 em Pinhal da Serra/RS e Lages/SC, respectivamente.

Nestas oficinas ocorreram uma série de atividades teóricas e práticas envolvendo a temática “Arqueologia, História e Patrimônio Cultural”. Avaliar a contribuição da arqueologia histórica na reconstrução do passado e perceber a importância da preservação do patrimônio cultural, analisando as possibilidades de aplicação destes conhecimentos na prática pedagógica foram os objetivos propostos nesta oficina ministrada pela Prof^a Ms. Fabiana Comerlato.

Inicialmente, buscou-se uma definição para a arqueologia histórica e uma compreensão do papel da mesma no Brasil para, posteriormente, tentar estabelecer uma relação entre esta e a história. Com o auxílio de uma série de imagens em slides, foi possível acompanhar a especificidade da arqueologia histórica: diferentes artefatos, estruturas e paisagens.

Como atividade prática, foi realizada a Oficina da Louça, que consistia na identificação, classificação e catalogação de uma série de artefatos arqueológicos, históricos e sem referência. Os objetos, que eram fragmentos de louças (cerâmica vitrificada, faiança, porcelana...), foram divididos em sacos e colocados sobre diversas mesas. Os participantes foram distribuídos em pequenos grupos para o trabalho com o material que estava sem o seu contexto arqueológico e somente poderia ser analisado considerando as suas características tipológicas.

O objetivo desta atividade foi despertar nos participantes conceitos básicos com relação à classificação do material arqueológico histórico e demonstrar o quanto este material poderia auxiliar na compreensão da história. Como suporte, foi utilizada bibliografia da área, trabalhos como o de Comerlato (1999) e Tochetto e outros (2002).

Na seqüência, houve uma explanação sobre a legislação de proteção ao patrimônio cultural e, principalmente, no que se refere à preservação dos sítios arqueológicos.

Atividades Extraclasse

Em complemento às Oficinas de Educação Patrimonial, foram propostas atividades extraclasse desenvolvidas pelos professores em seus municípios de origem, dependendo da natureza da atividade, em grupos ou ainda em suas escolas com seus alunos. As atividades extras foram elaboradas com o objetivo de retomar as temáticas desenvolvidas no decorrer das oficinas e

como ferramenta para proporcionar aos professores a oportunidade de aplicar, na prática, os temas estudados e assim obter um aproveitamento imediato dos conceitos relativos à valorização do patrimônio cultural.

Os roteiros das atividades foram entregues ao final de cada oficina e, no encontro posterior, realizavam-se apresentação e discussão das atividades desenvolvidas e dos resultados obtidos.

Atividade I: Patrimônio Cultural

Elaboração de um painel temático com o objetivo de abordar a diversidade do patrimônio cultural da região em questão. Neste painel, poderiam ser utilizados recortes de periódicos, fotos antigas e recentes, cartões postais, pinturas e desenhos. Houve uma grande promoção do trabalho em equipe envolvendo os professores das oficinas e a comunidade escolar de onde eles provinham, pois envolviam recursos e valores ainda vivos na memória local.

Atividade II: Um bem patrimonial como recurso pedagógico

A segunda atividade consistiu em o professor planejar uma aula e realizar uma atividade em classe, empregando um bem patrimonial como objeto de estudo. À medida que o aluno vai se identificando com o objeto de estudo também cresce a sua curiosidade e o compromisso com os objetivos propostos. Neste caso, ficou evidenciada a necessidade de um planejamento de uma aula coerente com o contexto em que o aluno está inserido.

Atividade III: História em Quadrinhos

Elaborar uma “História em Quadrinhos” com o tema: “O dia em que encontrei um sítio arqueológico” (Blasis, 1997, p. 6). Esta história deveria responder a perguntas da seguinte ordem: Onde foi? Como foi? O que você fez? Você buscou ajuda? Como preservar estes vestígios? À medida que a história desenrolava-se, os alunos deveriam “dar asas à imaginação” e, com base na desconstrução da figura do “arqueólogo mítico” e encarando a arqueologia como uma ciência, se aproximar o máximo possível do cotidiano de uma pesquisa arqueológica. O tipo de sítio abordado na história deveria se referir ao retirado no sorteio.

Atividade IV: Preservação da Cultural Material

A segunda atividade consistiu em enterrar materiais de várias origens (madeira, papel, metal, plástico, fibras, orgânico, pedra, etc...) em uma caixa de areia, floreira com terra, no jardim, no quintal, ou em qualquer outro local, e, ao longo de algum tempo, regar freqüentemente para propiciar o processo de decomposição orgânica.

Foi então realizada uma série de registros dos procedimentos realizados, como o local escolhido, a data de enterramento, descrição detalhada dos materiais escolhidos (natureza, forma, etc...) e quantas vezes a área foi regada, como um relatório.

Num segundo momento, após um determinado período, os objetos foram desenterrados para observação e anotação dos resultados obtidos relativos ao estado de conservação de cada material, segundo sua origem.

Na seqüência houve, em sala de aula, uma discussão sobre o que este exercício poderia ensinar sobre os sítios arqueológicos. Foram formuladas perguntas da seguinte ordem: Será que os arqueólogos podem saber quais artefatos os povos do passado fabricavam? Todos os artefatos, como os confeccionados a partir de fibras vegetais, poderiam se conservar facilmente ao passar do tempo? Desta forma foi possível levantar questões sobre as limitações da arqueologia devido às condições de preservação.

Atividade V: Pesquisa sobre um vestígio arqueológico pré-histórico

Identificar um vestígio arqueológico, que poderia ser um sítio arqueológico ou um artefato relativo a um grupo pré-histórico da região, existente no museu ou junto a moradores locais. Realizar uma pesquisa sobre o vestígio, descrevendo suas características através de texto, desenhos ou fotos. Esta atividade foi realizada individualmente pelos professores, porém alguns deles optaram por desenvolver a pesquisa junto aos seus alunos com algum vestígio arqueológico encontrado ou conhecido na localidade.

Atividade VI: Identificando um sítio arqueológico

Elaborar um plano de aula após a identificação de um sítio arqueológico, suas características e seu contexto, onde este sítio seria o objeto de estudo. A atividade, a princípio se restringia ao planejamento, mas alguns professores optaram por organizar uma saída de campo com os alunos. Durante a visita os alunos puderam fazer anotações sobre o sítio arqueológico e seu contexto. No retorno a sala de aula, as informações coletadas foram analisadas pelos alunos e expressadas através de desenhos e redação de texto.

Na quarta oficina, por ser a última do programa, não foram desenvolvidas atividades extraclasse para posterior debate.

Considerações finais

O meio empregado no projeto foi a realização de oficinas dirigidas aos professores. Procurou-se com isso suprir muitas de suas carências na formação acadêmica ou mudar a visão errônea que possuem sobre arqueologia.

Os docentes, assim como os moradores, na maioria das vezes, desconhecem o patrimônio cultural local. Em muitos casos, sabem até que existe, mas não sabem o que significa. Neste sentido, o ensino da pré-história em sala de aula está embasado, principalmente, pela utilização de livros didáticos que, geralmente, não fazem referências ao patrimônio regional. Por outro lado, há a carência de material didático de apoio ou subsídios que auxiliem o professor no ensino aprendizagem.

Não se pretendeu com as oficinas capacitar os docentes para o exercício de pesquisas arqueológicas, mas aproximá-los do universo do arqueólogo, de modo que possam compreender a importância da pesquisa arqueológica e da preservação do patrimônio arqueológico para a comunidade local, bem como respeitar o trabalho deste profissional.

Constatou-se junto aos participantes das oficinas a necessidade de se ter um material de apoio com os conteúdos trabalhados e os roteiros de atividades desenvolvidas ou sugeridas, objetivando reforçar e aprofundar os conteúdos referentes à arqueologia regional, buscando auxiliar os professores na prática em sala de aula. A proposta da elaboração do material educativo é uma das sugestões relacionadas para a continuação do projeto e para trabalhos futuros. Avaliando a realização das oficinas, apurou-se a necessidade da continuidade dos programas educativos. O programa teve efeito imediato, determinado pelas características contratuais da pesquisa arqueológica. Espera-se que estas iniciativas continuem e que as parcerias estabelecidas com os órgãos municipais permaneçam. É importante salientar que estes órgãos desempenham um papel fundamental no processo, pois eles são os agentes locais de fomento de programas como este na sua comunidade. Os resultados deste projeto só podem ser vistos a médio e longo prazo. Por outro lado, a tomada de consciência do universo de conhecimento que arqueologia

representa e as inúmeras possibilidades de ensino como disciplina interdisciplinar em sala de aula, torna-se um impacto positivo.

Objetivou-se com este trabalho apresentar a viabilidade da realização de programas educativos em arqueologia por contrato, vinculado a projetos de levantamento ou resgate arqueológico, a partir das experiências obtidas neste projeto piloto.

Referências Bibliográficas

CARTILHA DAS ESCAVAÇÕES. História da Arqueologia. National Geographic. 1 videocassete: son.; color.; 46 mm. VHS.

COMERLATO, Fabiana. **Relatório Final da Coleta de Superfície Realizada no Forte Sant'Ana**. Florianópolis, set. 1999. (digit.).

BLASIS, Paulo Antonio Dantas de. **Brasil 50 Mil Anos**. Uma viagem ao passado pré-colonial. Guia Temático para professores. MAE/USP, 1997.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras, GRUNBERG, Evelina e MONTEIRO, Adriane Queiroz. **Guia Básico de Educação Patrimonial**. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 1999.

ITAQUI, José e VILLAGRÁN, María Angélica. **Educação Patrimonial: A Experiência da Quarta Colônia**. Santa Maria: Palloti, 1998.

MEMODÍPTICO. Porto Alegre, 2001. Imagens de Manuel da Costa e produção de Ana Becker. Jogo de memória com 68 cartões.

UM FOCO NA ARQUEOLOGIA. Fernanda Severo. Porto Alegre, 1995. 1 videocassete: son.; color.; 10 mm. VHS.

HERBERTS, Ana Lucia. **Subprojeto de Valorização do Patrimônio Cultural**. Florianópolis, Scientia Ambiental / Baesa, novembro / 2001.

_____ (Org.). **Subprojeto de Valorização do Patrimônio Cultural**. Relatório Parcial 1. Florianópolis, Scientia Ambiental / Baesa, maio / 2002.

_____ (Org.). **Subprojeto de Valorização do Patrimônio Cultural**. Relatório Parcial 2. Florianópolis, Scientia Ambiental / Baesa, agosto / 2002.

_____ (Org.). **Subprojeto de Valorização do Patrimônio Cultural**. Relatório Final. Florianópolis, Scientia Ambiental / Baesa, janeiro / 2003.

TOCCHETTO, F. B. et al. **A Faiança Fina em Porto Alegre: vestígios arqueológicos de uma cidade**. Porto Alegre: UE/ Secretaria Municipal da Cultura, 2001.

¹ O subprojeto contou com a participação do pesquisador Marcos Anderson Tedesco e com auxílio dos estagiários da Scientia Ambiental: Adelson André Brügemann, Leticia Morgana Muller e Livim Monteiro Hoffmann.